

PARA ENRIQUECER OS ESTUDOS QUEIROZIANOS

*Adelto Rodrigues Gonçalves**

RESUMO:

Este artigo objetiva analisar quatro livros sobre o escritor português Eça de Queiroz (1845-1900), três deles, de autoria de A. Campos Matos. Nesses livros, o autor discute não só a obra do romancista como o seu relacionamento com Ramalho Ortigão (1836-1915) e Camilo Castelo Branco (1825-1890), outros grandes escritores lusos do século XIX, como as várias biografias que foram escritas sobre a vida e a obra eciana. O quarto livro é do arquiteto Rui Campos Matos, filho de A. Campos Matos, e traz as ilustrações com que procurou “retratar” personagens famosos de Eça de Queiroz.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura portuguesa. Eça de Queiroz. Século XIX.

1

A imagem que ficou de Ramalho Ortigão (1836-1915) foi a que Eça de Queiroz (1845-1900) nos legou: um amigo devoto dos tempos do Colégio da Lapa, do Porto, um professor de francês nove anos mais velho e companheiro leal nas diatribes que ambos escreviam para **As Farpas**, opúsculos de capa alaranjada que começaram a aparecer nas bancas e quiosques de Lisboa a 17 de junho de 1871 e que contaram com a colaboração de Eça pelo menos até o número de setembro-outubro de 1872, quando o escritor partiu como cônsul para as Antilhas espanholas. Agora, porém, A. Campos

* Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de **Gonzaga, um poeta do Iluminismo** (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), **Barcelona brasileira** (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002) e **Bocage – o perfil perdido** (Lisboa, Caminho, 2003). E-mail: marilizadelto@uol.com.br

Matos, grande queiroziano, vem nos mostrar um outro personagem, de caráter duvidoso, de aspecto melíflu, que depois da morte de Eça teve um comportamento pouco edificante.

Dono de vasta obra sobre a produção queiroziana, na qual se destacam os dois volumes do **Dicionário de Eça de Queiroz** (Lisboa: Caminho, 2. ed., 2000) e a **Fotobiografia de Eça de Queiroz** (Lisboa: Livros Horizonte, 2008), Campos Matos acaba de lançar **Eça de Queiroz-Ramalho Ortigão: retrato da “ramalhal” figura** (Lisboa: Livros Horizonte, 2009) em que mostra, com rigor de pesquisa, que, embora tenha sobrevivido 15 anos a Eça, Ramalho teve um papel discreto e diminuto na publicação da obra póstuma do amigo, limitando-se à revisão das últimas páginas de **A cidade e as serras**. Fez também a revisão de **O mistério da estrada de Sintra** em 1902, mas praticou tantas falsetas e teve tantas atitudes discutíveis e atrabiliárias que melhor teria sido se nada fizesse. Sem contar que ainda tentou reclamar para si a autoria principal do romance, atribuindo a Eça um papel secundário.

Parece que a memória do amigo que ficara para a posteridade o incomodava, a tal ponto que faz recordar um caso mais antigo de relacionamento ambíguo e tumultuado entre dois intelectuais, o de João Agostinho de Macedo (1761-1831) e Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805). Como se sabe, incomodado com a crescente fama póstuma de Bocage, Macedo, por despeito, teria feito desaparecer muitos originais do vate setubalense, depois de convencer a irmã do poeta a lhe ceder o espólio de manuscritos a pretexto de organizá-lo para a publicação.

De Eça, o que a correspondência levantada por Campos Matos mostra é a imagem de um amigo leal, que se sentia à vontade para confessar tudo o que lhe preocupava a alma. Basta dizer que, em gratidão, Eça fez de Ramalho seu padrinho de casamento e de seus filhos. Já Ramalho... Para Campos Matos, há razões de sobra para se pensar que Eça pode ter se enganado na apreciação que sempre fez de seu pretenso amigo.

Isso fica claro em doze cartas exumadas por Campos Matos em que Ramalho mostra uma indisfarçável indiferença perante a morte do amigo, mais preocupado que estava em usufruir por aqueles dias os prazeres de uma viagem pela Itália. Ao receber em Veneza a notícia da morte de Eça, “continuou impávido a passear de gôndola”,

tendo-se instalado depois em Florença, de onde escreveu cartas para a posteridade, enquanto o brasileiro Eduardo Prado (1860-1901) regressava apressadamente a Paris para socorrer a família do amigo.

Já em relação ao espólio literário de Eça o comportamento de Ramalho foi o mais irresponsável possível. Fez a discutível revisão de **A cidade e as serras** e não atribuiu nenhuma importância ao resto. Só em 1924, depois de sua morte, José Vasco Ortigão, seu filho, morando no Rio de Janeiro, tratou de enviar para o filho de Eça em Lisboa o material inédito que lhe ficara do pai que incluía cinco cartas inéditas de Fradique Mendes (personagem inventado por Eça e Ramalho), o romance **A capital** (com cerca de 100 páginas impressas e corrigidas pelo próprio autor) e ainda **O conde de Abranhos**.

Mas, além da negligência inacreditável com que tratou a obra póstuma de Eça e de seus comentários dúbios a respeito da obra queiroziana, pior ainda foi o seu comportamento sibilino e desonesto marcado por tentativas de apropriação da autoria de romances conjuntos. Quem até aqui sempre teve Ramalho como uma figura impoluta, leia as doze cartas publicadas na íntegra por Campos Matos, para apurar qualquer dúvida. Com certeza, vai se decepcionar com a “ramalhal figura”, epíteto que lhe atribuíram porque, do alto de seu 1,80m mostrava um porte ereto e sobranceiro, ombros largos, sempre bem trajado, loquaz e espalhafatoso de gestos.

2

Outro livro imperdível do queiroziano Campos Matos é **A guerrilha literária: Eça de Queiroz-Camilo Castelo Branco** (Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2008) em que recupera divergências e afinidades entre os dois escritores. Embora Camilo Castelo Branco (1825-1890) tenha ficado famoso por suas polêmicas furibundas, eufemisticamente chamadas de “polêmicas à portuguesa”, com Eça o que houve foram algumas escaramuças, sem a rudeza típica das intervenções públicas do escritor, tendo prevalecido “a cortesia, a mesura, o reconhecimento prudente das qualidades do adversário”, nas palavras de Campos Matos (2008).

Diz o pesquisador que, vinte anos mais velho do que Eça, são inúmeras as referências de Camilo ao autor de **Os Maias** em cartas a amigos, em notas à margem das suas obras. Já Eça ignorou Camilo mais do que devia, ou fingia ignorá-lo, “vendo nele, predominantemente, aspectos negativos, desaprovando radicalmente aquilo que chamou de *maneirismo sentimental* e o que por ventura via em Camilo de passadista, provinciano e contraditório”. Isso não significa que não o tivesse admirado: leu-o, talvez até pela mão de Ramalho, que o admirava incondicionalmente e com ele se carteava, diz Campos Matos.

O pesquisador lembra ainda a amizade que ligava Camilo ao juiz Teixeira de Queiroz, pai de Eça de Queiroz, a quem conhecera por ocasião de sua prisão na cadeia da Relação do Porto, depois de sua condenação por adultério com Ana Plácido, episódio que duraria de 12/12/1859 a 1/10/1861. Segundo Campos Matos, Camilo sempre guardou pelo juiz Teixeira de Queiroz respeito e gratidão, “razão pela qual, repetimos, iria evitar que Eça fosse vítima da pena do mais violento polemista das nossas letras” (2008).

Isso não significa que os dois autores não tenham trocado algumas farpas, às vezes dissimuladas. Campos Matos reedita, inclusive, uma carta de 1887 que Eça chegou a escrever, mas não enviou a Camilo, em resposta a alguns comentários um tanto ácidos do colega de ofício. Um ano depois, Eça iria escrever a Camilo, convidando-o a colaborar na **Revista de Portugal**, da qual era diretor.

Parece que Eça e Camilo nunca se encontraram pessoalmente, embora Ramalho Ortigão tenha feito referência, num artigo de 1874 n’**As Farpas**, a um encontro entre ambos em julho de 1871, ao recordar os tempos do Cenáculo de Lisboa. Mas, diz Campos Matos, Ramalho, mais uma vez, mostrou-se parco em suas memórias do velho amigo, mais preocupado com a imagem que deixaria de si para a posteridade. Para o investigador literário, Ramalho, entre os literatos de seu tempo, era o mais bem informado acerca da vida de Eça. E, no entanto, deixou meia dúzia de linhas de episódios mal contados e algumas alusões, “nem sempre todas verdadeiras”, a respeito do escritor.

3

Publicado em 2004 em Portugal pela Livros Horizonte, **Sete biografias de Eça de Queiroz**, de A. Campos Matos, ganhou edição brasileira em 2007 pela Editora Movimento, de Porto Alegre, revista e acrescida de novas informações. Como se percebe pelo título, nessa obra o queiroziano faz uma resenha de sete das mais destacadas biografias do escritor, que incluem três autores brasileiros: os gaúchos Miguel Melo (1877-1929) e Vianna Moog (1906-1988), ambos biógrafos pioneiros em língua portuguesa, além do baiano Luís Viana Filho (1908-1990), responsável por uma pesquisa muito bem apurada e de uma objetividade de interpretação que lhe mantém o interesse de leitura até hoje. Entre os biógrafos portugueses contam-se António Cabral (1863-1950), João Gaspar Simões (1903-1987), João Calvet Magalhães (1915-2004) e Maria Filomena Mónica (1943).

A mais extensa das biografias de Eça de Queiroz, com 762 páginas, **Vida e obra de Eça de Queirós**, de João Gaspar Simões, é também a que mais espaço obtém nesse livro, até porque são muitas as contestações que Campos Matos lhe faz, a partir de uma “incoerência crítica, tantas vezes irrefletida” com que o biógrafo utilizou as ideias freudianas, apelando para a intuição quando necessitava preencher lacunas deixadas pela ausência de documentos. “Pode a documentação ser complementada com a intuição? Pode a psicologia servir à crítica literária? Por certo que sim. O que não se pode é ultrapassar os limites impostos ao rigor e à coerência”, observa Campos Matos, sem, contudo, deixar de reconhecer em Simões “o maior biógrafo português de Eça”.

Da biografia mais recente de Eça de Queiroz, escrita por Maria Filomena Mónica, o autor também não faz boa apreciação, a partir da ausência de uma investigação aprofundada da infância e adolescência do escritor, passando por visões romanceadas sem fundamento, até concluir que a obra nada traz de novo, “exceto uma carta de Ramalho que relata o encontro que teve com Eça em Paris, quando este acompanhava na cidade-luz uma inglesa *casada em Londres, rica e bonita*”.

De **Eça de Queiroz: a vida privada**, de José Calvet Magalhães, a opinião de Campos Matos também é pouco abonadora, apontando algumas fantasias que perpassam uma narrativa que constitui, no seu dizer, “uma biografia rudimentar”. Da obra pioneira de António Cabral, o autor lembra que o biógrafo estava incluído entre os estudiosos “proscritos de Tormes”, ao lado de João Gaspar Simões e o padre Alyrio de Melo, ou seja, que não agradavam à viúva e aos filhos de Eça. Em seu livro, Cabral inclui um capítulo sobre os “plágios” de Eça, apontados por Camilo, António Enes, Adolfo Coelho, João Meira e Cláudio Basto.

Entre os biógrafos brasileiros de Eça de Queiroz, o mais importante foi, sem dúvida, Luís Viana Filho, autor de **A vida de Eça de Queiroz**, publicada pela editora Lello, do Porto, em 1983, e pela Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, no ano seguinte. Trata-se de obra rigorosamente documentada, já que Viana Filho teve acesso a duas fontes principais: a correspondência de Eça com sua mulher, Emília, que hoje faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa, e a correspondência de Emília para o marido, que o pesquisador consultou em Tormes.

Já a Miguel Melo cabe a honra de ter sido o primeiro autor, em livro, de um estudo crítico-biográfico de Eça, publicado em 1911. Mesmo sem ter tido a oportunidade de ir a Portugal para levar mais adiante suas pesquisas, Melo teve o mérito de fazer uma obra pioneira, exemplo da popularidade que o escritor gozava no Brasil no começo do século XX.

Para Vianna Moog e o seu **Eça de Queiroz e o século XIX** (Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945), as palavras de Campos Matos são mais amenas, embora o escritor gaúcho também não tenha deixado de cair no psicologismo como Gaspar Simões e de ter tomado algumas passagens dos romances queirozianos como experiência pessoal do romancista. Do livro, porém, diz que, escrito em forma sintética e linguagem simples, constitui “obra ainda hoje muito sugestiva”.

4

Filho de A. Campos Matos, o arquiteto Rui Campos Matos (1956) herdou do pai a paixão pelos livros, pela poesia, pela literatura de um modo geral e pela obra de Eça de Queiroz (1845-1900) em particular. É o que mostra em **Os Maias – uma**

antologia ilustrada (Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2009) em que, acompanhando trechos do clássico romance de Eça de Queiroz, enfileira a cada página aquarelas em que procura retratar e reconstituir lugares e personagens da obra.

Quem leu **Clepsidra e outros poemas**, de Camilo Pessanha (1867-1926) em edição preparada por Daniel Pires (Lisboa: Livros Horizonte, 2006) e deslumbrou-se com as ilustrações de Rui Campos Matos, já sabe a qualidade que vai encontrar nestas aquarelas. A única diferença é que, desta vez, não são coloridas como naquela edição de **Clepsidra**. Todo queiroziano, por certo, também há de recordar os pastéis que Rui Campos Matos produziu para **O mandarim**, publicados por seu pai em **Fotobiografia de Eça de Queiroz, vida e obra** (Lisboa: Editorial Caminho, 2007).

Como observa Pedro Larsen no prefácio, em precisas imagens, Campos Matos, “num traço dúctil, espontâneo, seguríssimo, detecta o essencial dos ridículos das personagens queirozianas, fazendo-nos reviver episódios e situações que havíamos esquecido e nos despertam depois, além do contentamento e da surpresa do reencontro, a hilaridade do discurso desenhado.

Entre essas personagens, Larsen destaca a baronesa de Craben, seguida de seu rubicundo marido, o pai Monforte e Maria, sua capitosa filha, o Alencar, sempre emburrado, “a braços com o realismo que tanto lhe atormentou a existência”, o melancólico Cruges, “de batuta entalada no colete”, o melífluo Dâmaso, o truculento João da Ega, e Maria Eduarda, com seus cabelos de ouro, figura enigmática e atraente que levaria Carlos da Maia a dar um passo tão trágico como é o do incesto, entre outras personagens menores – mas nem por isso menos importantes na galeria eciana – da Lisboa da época da Regeneração que, olhada através de um olhar de mais de um século, não regenerou em nada os costumes.

Além do prefácio descontraído de Larsen, o leitor, antes de penetrar diretamente nessa galeria eciana, encontra ainda um guia escrito pelo próprio autor que lhe permite recordar a trama que permeia **Os Maias**, romance publicado em 1888.

Para quem não recorda, é bom lembrar que a narrativa de Eça tem início com Pedro da Maia, filho de Afonso da Maia, personagem educado de acordo com padrões românticos, que se casa com Maria Monforte, filha de um traficante de escravos e, por isso, também conhecida como “a negreira”. Dessa união, nascem dois filhos: Maria Eduarda e Carlos. O casal se separa logo depois. A menina fica com a mãe e o menino com o pai, que se suicida, depois que a mulher foge com um napolitano.

Descendente de uma família nobre da Beira, educado pelo avô, segundo padrões britânicos, Carlos da Maia forma-se em Medicina, mas nunca exerce a profissão a sério. É um doidivanas, um desocupado que está sempre acompanhado de João da Ega, ex-estudante de Direito em Coimbra, um tipo espirituoso e adepto do Naturalismo em Literatura. Após alguns encontros amorosos com a condessa Gouvarinho, Carlos conhece, por intermédio de Dâmaso Salcede, um tipo medíocre e balofo, a mulher de Castro Gomes, um brasileiro rico, e apaixona-se por ela. A amada rompe com Castro Gomes, com quem não era casada legalmente, e vai viver com Carlos da Maia, acompanhada de uma filha, criança ainda.

É quando Joaquim Guimarães, um velho jornalista, entrega a João da Ega uma caixa de documentos a ele confiada por Maria Monforte em Paris, para que ele a encaminhasse a Carlos. Este julgava que a irmã, como a mãe, estivesse morta há muito tempo. Ega lê os documentos e, aterrorizado, vai mostrá-los a Carlos: ele e sua amada, Maria Eduarda, a antiga madame Castro Gomes, eram irmãos.

Desnorteados, Carlos volta a encontrar-se com a irmã, numa atitude de incesto consciente, de que, mais tarde, arrepende-se. Surpreendido com o reaparecimento da neta, que surgia como amante do irmão, o austero Afonso da Maia falece. A situação entre os irmãos só é solucionada após o funeral: Maria Eduarda, com a identidade esclarecida e seus direitos reconhecidos, volta para Paris, refaz sua vida e lá se casa. Já Carlos viaja para a América e o Japão, em companhia de Ega. Só dez anos mais tarde retorna a Lisboa, fixando depois residência também em Paris, onde alia a falta do que fazer ao diletantismo.

O que nessa obra Eça de Queiroz faz com mestria é a reconstituição da alta burguesia portuguesa e sua incapacidade de fazer a nação sair da mesmice e do atraso econômico e cultural, em que, aliás, pouco difere de sua congênera brasileira que, mais de 120 anos depois, o que conseguiu foi construir um país injusto, desigual, atrasado e imerso em violência social. Com aquele objetivo, o romancista cria muitas personagens claramente inspiradas nas figuras insossas de seu tempo e suas mesquinhas. Como observa Rui Campos Matos, a definição final desse painel da alta burguesia de sua época o escritor a dá pela boca de João da Ega, *alter ego* do autor, que reflete um pouco a filosofia dos “vencidos da vida”, grupo de intelectuais de que Eça também fez parte: tinham fracassado porque eram românticos, ou seja, “indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento, e não pela razão”.

O que Rui Campos Matos procura fazer com o lápis é o que Eça de Queiroz fez com a pena: imaginar como teriam sido fisicamente essas figuras, quase todas ridículas e balofas, além de retratar alguns edifícios marcantes na obra, como o “Ramalhete”, mansão em que residiam os Maias, ou o Largo do Pelourinho, hoje Largo do Município, local em que Ega toma conhecimento do drama que irá marcar a vida de seu amigo. E o faz com tamanha espontaneidade e virtuosismo que podemos até mesmo imaginar aquelas personagens como se estivéssemos assistindo a um filme. Ou mesmo convivendo com elas no átrio do Hotel Central.

7

Como Eça de Queiroz, Rui Campos Matos nasceu em Póvoa de Varzim. Frequentou o curso de Artes Plásticas da Escola Superior de Belas Artes e licenciou-se em arquitetura pela FAL/UTL, de Lisboa, em 1984, atividade que exerce desde essa época em ateliê próprio situado no Funchal. Mas, ao mesmo tempo, desenvolve a arte da ilustração e do desenho.

Já expôs na Biblioteca Nacional de Lisboa (2006), na Galeria da Mouraria no Funchal (2006) e na Casa de Santa Maria de Cascais (2007). Além da edição de **Clepsidra e outros poemas**, de Camilo Pessanha, publicou diversas ilustrações inspiradas na obra queiroziana: **Fotobiografia de Eça de Queiroz, vida e obra**

(Editorial Caminho, 2007) e nas revistas **Mealibra**, **Islenha**, **Boletim Cultural da Póvoa de Varzim** e **Jornal de Letras**.

TO ENRICH QUEIROZIAN STUDIES

ABSTRACT:

This article analyzes four books on the Portuguese writer Eça de Queiroz (1845-1900), three of them, written by A. Campos Matos. In these books, the author discusses not only the work of the novelist and his relationship with Ramalho Ortigão (1836-1915) and Camilo Castelo Branco (1825-1890), Lusitanian other great writers of the nineteenth century, as the various biographies that were written about his life and work. The fourth book, written by the architect Rui Campos Matos, son of A. Campos Matos, brings the illustrations with which he sought "to portray" celebrities Eça de Queiroz

KEYWORDS: Portuguese literature. Eça de Queiroz. Nineteenth Century.

Referências

MATOS, A. Campos. **Eça de Queiroz-Ramalho Ortigão: retrato da “ramalha”** figura. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

_____. **A guerrilha literária: Eça de Queiroz-Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2008.

_____. **Sete biografias de Eça de Queiroz**. Porto Alegre: Editora Movimento, 2007.

MATOS, Rui Campos. **Os Maias – uma antologia ilustrada**. Prefácio de Pedro Larsen. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2009.

Recebido em 20/06/2011.

Aprovado em 27/06/2011.